

DONNA LEON

ENQUANTO
ELES
DORMIAM

TRADUÇÃO
Carlos Alberto Bárbaro



Copyright © 1997 by Donna Leon

Todos os direitos reservados
Proibida a venda em Portugal

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original:
Quietly in their sleep

Projeto gráfico de capa:
Elisa v. Radow

Foto de capa:
Ana Ottoni

Preparação:
Guilherme Bomfim

Revisão:
Ana Luiza Couto
Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Leon, Donna

Enquanto eles dormiam / Donna Leon ; tradução
Carlos Alberto Bárbaro. — São Paulo : Companhia das
Letras, 2010.

Título original: Quietly in their sleep
isbn 978-85-359-1779-6

1. Ficção policial e de mistério (literatura norte-
-americana) i. Título.

10-11238

cdd-813.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura norte-ameri-
cana 813.0872

2010

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

È sempre bene
Il sospettare un poco, in questo mondo.

Neste mundo, desconfiar um pouco
É sempre bom.

Così fan tutte, Mozart

1

Sentado à mesa, Brunetti encarava os próprios pés. Apoiados sobre a última gaveta do móvel, eles devolviam a seu olhar quatro fileiras horizontais de minúsculos olhos de círculos metálicos arredondados que o encaravam com aparente e multiplicada censura. Na última meia hora ele alternara tempo e concentração entre as portas do *armadio* de madeira que ficava encostado à parede dos fundos do gabinete e seus sapatos, passando a estes quando aquelas já não conseguiam mais manter sua atenção. Invariavelmente, quando a quina afiada da parte de cima da gaveta começava a incomodar seu calcanhar, ele reacomodava os pés, o que servia apenas para reordenar o padrão dos olhos metálicos sem no entanto servir muito para diminuir-lhes a censura ou aplacar o tédio que ele sentia.

O *vice-questore* Giusuppe Patta viajara há duas semanas para a Tailândia, em férias — viagem que o pessoal da *questura* insistira em chamar de a sua segunda lua de mel —, deixando a cargo de Brunetti qualquer crime que ocorresse em Veneza. O crime, porém, aparentemente embarcara no mesmo avião do *vice-questore*, pois nada significativo acontecera desde sua partida. Patta e a esposa (que havia pouco voltara ao lar e — dava até para sentir um frêmito — a seus braços) tinham carregado tudo consigo, menos os arrombamentos e pequenos assaltos de praxe. O único crime digno de nota ocorrera em uma joalheria no *campo* San Maurizio dois dias antes, na qual um casal entrou elegantemente trajado, empurrando um carrinho de

bebê, e o pai de primeira viagem, não cabendo em si de contentamento, pediu para ver um anel de diamantes para presentear a ainda mais excitada mamãe. Após provar o anel, e depois outro, ela se decidiu por fim por um diamante branco de três quilates, e perguntou se poderia levá-lo para fora e apreciá-lo à luz do dia. Não deu outra: na rua, ela ergueu a mão contra o sol, sorriu e acenou então para o pai, que, a cabeça dentro do carrinho ajeitar os panos, deu um sorriso constrangido ao proprietário e foi se reunir à esposa. Os dois se mandaram, claro, deixando atrás de si, a bloquear a porta, o carrinho de bebê com a boneca dentro.

Embora engenhoso, o golpe por certo não foi o prenúncio de uma onda de crimes, e Brunetti de repente se viu imerso em tédio e dúvidas, não muito seguro sobre se preferia a responsabilidade de um cargo e o mundo de papel que ele parecia gerar ou a liberdade de ação que sua posição inferior na hierarquia geralmente lhe assegurava.

Ergueu o olhar ao ouvir alguém bater à porta, sorrindo em seguida quando ela se abriu e o brindou com a primeira visão matutina da *signorina* Elettra, a secretária de Patta, que parecia ter considerado a ausência do *vice-questore* como um convite para chegar ao trabalho às dez, em vez de às oito e meia de sempre.

“*Buon giorno, commissario*”, ela disse ao entrar, com um sorriso que o fez pensar, enlevado, num *gelato all’amarena* — vermelho e branco —, as mesmas cores das listras da blusa de seda que ela vestia. Ela entrou no gabinete meio de lado, para permitir a passagem da outra mulher que a acompanhava, a quem Brunetti olhou de relance, notando que ela vestia um terninho quadrado bem vagabundo, de poliéster cinza, e uma saia que não combinava em nada com os sapatos de salto baixo. Observou ainda que as mãos da mulher se agarravam de modo estranho a uma imitação barata de bolsa de couro, após o que se voltou para a *signorina* Elettra.

“Comissario, tenho aqui alguém que gostaria de falar com o senhor.”

“Pois não?”, ele disse, olhando novamente para a outra mulher, sem apresentar maior interesse. Foi quando percebeu o contorno da bochecha direita dela, e, quando ela fez um movimento de cabeça a explorar o gabinete, os finos traços de seu maxilar e pescoço. E ele repetiu então, agora com maior interesse: “Pois não?”.

Em resposta ao tom de Brunetti, a mulher girou a cabeça em sua direção e concedeu-lhe um meio sorriso, tornando-se com isso estranhamente familiar a Brunetti, embora ele tivesse certeza de nunca tê-la visto antes. Especulou que ela poderia ser a irmã de algum amigo, vindo a ele em busca de auxílio, e julgou que o que havia reconhecido não fora seu rosto, mas um reflexo nele de tal parentesco.

“Pois não, *signorina?*”, disse, levantando-se de sua cadeira e indicando com a mão uma outra à frente da mesa. Assim que ele falou, a mulher olhou brevemente para a *signorina* Elettra, que lhe respondeu com o sorriso que reservava aos que ficavam nervosos por de repente se verem ali na *questura*. Em seguida, dizendo algo sobre ter de voltar aos seus afazeres, deixou o gabinete.

A mulher foi até a cadeira e sentou-se, ajeitando antes a saia para um lado. Embora esguia, movimentava-se sem elegância, como se não estivesse acostumada a calçar outro tipo de sapatos que não os de salto baixo.

A experiência de anos ensinara Brunetti que era melhor não dizer nada, que devia esperar, o rosto demonstrando calma e interesse, e assim cedo ou tarde o seu silêncio levaria a pessoa à sua frente a falar. Enquanto esperava, ele alternadamente a olhava e desviava o olhar, tentando lembrar por que ela lhe parecia tão familiar. Buscou algum sinal de parentesco em seu rosto, mas talvez ela fosse a vendedora de alguma loja que ele frequentava, irreconhecível agora que não estava atrás do balcão que a teria

identificado. Mas se ela realmente trabalhasse em uma loja, ele se pôs a pensar, com certeza não seria nenhuma do ramo de roupas ou de moda: o terninho dela era terrível, parecendo uma caixa e num estilo que já não se via há pelo menos uns dez anos; o cabelo era cortado tão curto e de modo tão descuidado que não dava para afirmar se era um corte infantil ou algo mais estiloso; o rosto não tinha o mais leve traço de maquiagem. No entanto, na terceira olhada ele percebeu que aquilo podia até mesmo ser um disfarce, e que o que ela tentava esconder era a sua beleza. Seus olhos negros eram bem espaçados, os cílios tão compridos e grossos que dispensavam rímel. Os lábios eram pálidos, mas grossos e lisos. O nariz, reto, estreito e pouco arqueado, era — não havia outra palavra para defini-lo — nobre. E abaixo do estranho corte de cabelo era visível que a testa era alta e sem rugas. Mas mesmo essa constatação da beleza dela não despertou nada na memória de Brunetti.

Ela o surpreendeu ao perguntar: “O senhor não me reconheceu, não é mesmo, *commissario*?”. Até mesmo a voz lhe era familiar, embora também deslocada. Ele pulou pela memória inutilmente, tentando lembrar, mas sua única certeza era que ela não tinha relação nenhuma com a *questura*, nem com o trabalho dele.

“Não, *signorina*, lamento, mas não a reconheci. No entanto, sei que a conheço e que este não é bem o lugar em que esperaria encontrá-la.” E deu a ela um sorriso sincero, do tipo que lhe pedia que fosse complacente com essa falha humana comum a todos.

“E nem eu esperaria que algum de seus conhecidos tivesse motivos para vir à *questura*”, ela disse, porém logo sorrindo para demonstrar que dizia aquilo sem maldade e que entendia a confusão dele.

“É verdade, foram poucos os meus amigos que vieram para cá porque quiseram, e até agora nenhum deles teve de vir obrigado.” Dessa vez foi ele quem riu, para de-

monstrar que também podia fazer piada com a polícia, e acrescentou: “Ainda bem”.

“Nunca procurei a polícia antes”, ela disse, passeando os olhos pelo gabinete novamente, como se temerosa de que algo ruim pudesse acontecer a ela agora que o tinha feito.

“A maioria das pessoas nunca procura”, Brunetti concedeu.

“Não, acho que não”, ela disse, baixando os olhos para as suas mãos. E, de chofre: “Eu costumava ser imaculada”.

“Como?” Brunetti ficou totalmente confuso, imaginando de repente se não haveria algo de muito errado com esta jovem.

“Sóror Immacolata”, ela disse, encarando-o e oferecendo aquele sorriso suave que por muito tempo tinha brilhado para ele do interior da engomada touca branca que era parte do seu hábito. O nome a situou e resolveu o enigma: agora se explicava o corte de cabelo, assim como a evidente inadequação das roupas que vestia. Brunetti notara sua beleza desde a primeira vez que a vira naquela casa de repouso em que por anos sua mãe não encontrara descanso. Mas a natureza de seus votos religiosos e o hábito comprido que era deles reflexo a haviam encerrado numa redoma, como se fosse um tabu, e mesmo assim Brunetti tinha registrado a sua beleza, mas como teria registrado a beleza de uma flor ou uma pintura, respondendo a ela como um apreciador, não como um homem. Agora, liberta das restrições e dos disfarces, essa beleza tinha se esgueirado para seu gabinete, a despeito do desmazelo e das roupas baratas que a tentavam ocultar.

Sóror Immacolata sumira de repente da casa de repouso em que a mãe de Brunetti estava internada havia cerca de um ano, e o filho, contrariado com o desespero que se apossara da mãe pela perda da irmã que mais tinha sido gentil com ela, foi informado apenas de que ela tinha sido

transferida para outra das casas de repouso da irmandade. Uma porção de perguntas veio a sua mente agora, mas ele preferiu não as fazer por um senso de inadequação. Ela tinha vindo até ali; por certo lhe explicaria o motivo.

“Eu não posso voltar à Sicília”, ela disse abruptamente. “Minha família não iria entender.” Suas mãos relaxaram o aperto em torno de sua bolsa e buscaram confortar uma à outra. Não encontrando o que buscavam, apoiaram-se sobre as suas coxas. Então, como se repentinamente cônscias do calor da carne sob elas, retornaram aos áridos ângulos da bolsa.

“A senhora está...”, Brunetti começou a falar e, incapaz de encontrar o verbo certo, optou por uma pausa seguida de um arremate truncado, “... quanto tempo?”

“Três semanas.”

“Está hospedada aqui em Veneza?”

“Não, aqui não, nos arredores, no Lido. Em um quarto, numa *pensione*.”

Ele se perguntou se ela teria vindo até ele por dinheiro. Se fosse o caso, ele ficaria honrado e feliz em dar a ela o que pudesse, de tão enorme o crédito que ela angariara pelos anos de caridade despendidos a ele e sua mãe.

Como se tivesse lido seus pensamentos, ela disse: “Estou trabalhando”.

“Sim?”

“Numa clínica particular, no Lido.”

“Como enfermeira?”

“Na lavanderia.” Ela percebeu o discreto olhar que ele dirigiu às mãos dela e sorriu. “Agora as máquinas fazem tudo, *commissario*. Já vai longe o tempo de levar os lençóis até a beira do rio e batê-los nas pedras.”

A risada que ele deu foi mais em razão de seu próprio embaraço que pela resposta dela. Mas pelo menos aquilo serviu para desanuviar o clima no gabinete e abriu espaço para ele dizer: “Lamento que a senhora tenha sido forçada a isto”. Fosse no passado e ele teria arrematado a frase

com o seu título, “sóror Immacolata”, mas agora não havia mais nada do que pudesse chamá-la. Sem o seu hábito, fora-se também o seu nome, e sabe-se lá mais o quê.

“Eu me chamo Maria”, ela disse, “Maria Testa.” E, como uma cantora que faz uma pausa para saborear o som desvanecente de uma nota que marca a mudança de uma clave para outra, ela silenciou para ouvir o eco de seu nome. “Embora eu não esteja mais certa de que esse nome ainda me pertença”, arrematou.

“Como?”, perguntou Brunetti.

“Há um procedimento ao qual submetem os que saem. Da ordem, claro. Creio que é como desconsagrar uma igreja. Algo muito complicado, e pode passar um tempo enorme antes que lhe deixem partir.”

“Imagino que queiram se assegurar da sua certeza”, sugeriu Brunetti.

“É. Pode levar meses, talvez anos. Você tem que levar a eles cartas de pessoas que a conhecem e que a consideram capaz de tomar a decisão.”

“É disso que a senhora precisa? Será que eu posso ajudá-la com isso?”

Com um movimento lateral de uma das mãos, ela como que tirou as palavras do caminho e, com elas, o seu voto de obediência. “Não, não é mais necessário. Já terminou. Encerrado.”

“Entendo”, disse Brunetti, sem entender de fato.

Ela o encarou, um olhar tão direto e com olhos de uma beleza tão impressionante que Brunetti sentiu uma pontada de inveja do homem que a faria romper o voto de castidade.

“Vim procurá-lo por causa da *casa di cura*. Por causa do que vi acontecer ali.”

O coração de Brunetti singrou a distância que o separava de sua mãe, e ele se pôs imediatamente em alerta em busca de qualquer indício de perigo.

Porém, antes que tivesse tempo de corporificar seu

terror na forma de uma pergunta, ela disse: “Não, *commisario*, sua mãe está bem. Não vai acontecer nada com ela”. Ela fez uma pausa, então, constrangida ao perceber como tinha soado o que dissera e pela tenebrosa verdade contida em suas palavras: a única coisa que ainda poderia acontecer com a mãe de Brunetti seria a morte. “Lamento”, acrescentou ela desajeitadamente, e não disse mais nada.

Brunetti a avaliou por um momento, não entendendo bem o que ela acabara de dizer, mas sem saber como pedir a ela que esclarecesse o que tinha querido dizer. Lembrou então da sua última visita à mãe, quando torceu para que pudesse de algum modo ver por lá a já de há muito ausente sóror Immacolata, por saber que ela era a única pessoa que iria entender o vazio dilacerante de sua alma. Mas em vez da adorável siciliana, encontrou no corredor apenas a sóror Eleanora, uma mulher que o passar dos anos tinha tornado amarga e para quem os votos assumidos eram os de pobreza de espírito, castidade do humor e obediência apenas a alguns rígidos conceitos de dever. Que sua mãe pudesse estar, mesmo por um instante, sob os cuidados daquela mulher o enraivecia como homem; a *casa di cura* gozar da reputação de ser uma das melhores à disposição o envergonhava como cidadão.

A voz dela resgatou-o de seu longo devaneio, mas por não ter ouvido o que ela tinha dito, teve de pedir que ela repetisse. “Perdão, *suora*”, disse, percebendo de imediato que o hábito o levara a se referir a ela pelo título, “eu estava distraído.”

Ela retomou, ignorando o modo pelo qual ele a chamara. “A *casa di cura* a que me refiro é a daqui, de Veneza, onde eu trabalhava até três semanas atrás. Mas não saí de lá apenas, *dottore*. Eu larguei a ordem, larguei tudo... Para começar minha...” Ela se interrompeu por um momento e olhou pela janela aberta, em direção à fachada da igreja de San Lorenzo, buscando ali o nome do que ela estava prestes a começar. “Minha nova vida.” Ela voltou

o olhar para ele e deu um sorriso curto e envergonhado. “*La vita nuova*”, repetiu, agora num tom que ela se esforçava para tornar mais leve, como se consciente da carga melodramática que se apossara de sua voz. “Somos obrigados a ler *La vita nuova* na escola, mas não me lembro muito bem do livro.” Ela o encarou, as sobrancelhas franzidas de modo interrogativo.

Brunetti não tinha ideia do rumo que esta conversa estava tomando; começara com a menção a um perigo, e o assunto agora era Dante. “Também lemos o livro, mas acho que eu era muito novo. O fato é que sempre preferi *La Divina Commedia*”, ele disse, “especialmente o *Purgatorio*. ”

“Curioso”, ela disse com interesse, que poderia ser real ou apenas um modo de protelar o que quer que tivesse vindo dizer a ele. “Nunca ouvi ninguém assumir a preferência pelo *Purgatorio*. Qual o motivo?”

Brunetti se permitiu um sorriso. “Claro, por ser policial todo mundo conclui logo que eu prefira o *Inferno*. Os maus são punidos e todo mundo ganha o que Dante achava que eles mereciam. Mas eu nunca gostei disso, a certeza absoluta dos julgamentos, todo aquele sofrimento atroz. Para sempre.” Ela permanecia sentada em silêncio, olhando para o seu rosto e prestando atenção ao que ele dizia. “Gosto do *Purgatorio* porque ali ainda há a possibilidade de que as coisas possam mudar. Para os outros, estejam eles no Paraíso ou no Inferno, está tudo acabado: ali é o lugar onde ficarão. Para sempre.”

“É nisto que o senhor acredita?”, ela perguntou, e Brunetti sabia que ela não estava falando de literatura.

“Não.”

“Em nada disso.”

“A senhora quer saber se eu acredito que exista um Paraíso ou um Inferno?”

Ela anuiu, e ele imaginou se alguma superstição atávica a impedia de proferir as duvidosas palavras.